
NHÁ CHICA
PERFUME DE ROSA

Vida de Francisca de Paula de Jesus



- *Antonio: palavras de fogo, vida de luz* – Madeline Pecora Nugent
- *Charles de Foucauld: o irmãozinho de Jesus* – Jean-François Six
- *Francisco de Paula Victor: apóstolo da Caridade* – Gaetano Passarelli
- *Irmã Dulce: o anjo bom da Bahia* – Gaetano Passarelli
- *Irmão Roger de Taizé: uma esperança viva* – Christian Feldmann
- *João Leão Dehon: o profeta do verbo ir* – Pe. Zezinho
- *João Paulo II: um Papa que não morre* – Gian Franco Svidercoschi
- *Lindalva Justo de Oliveira: a bem-aventurada filha da caridade* – Gaetano Passarelli
- *Nhá Chica, perfume de rosa: vida de Francisca de Paula de Jesus* – Gaetano Passarelli
- *Palavras-chave de João Paulo II* – Renzo Agasso e Renato Boccardo
- *Paulo: apóstolo dos gentios* – Rinaldo Fabris
- *Rita de Cássia: a santa dos casos impossíveis: uma história de amor e ódio, de vingança e perdão* – Franco Cuomo
- *Santa Mônica: modelo de vida familiar* – Giovanni Falbo
- *Santo Agostinho: a aventura da graça e da caridade* – Giuliano Vighini
- *São Martinho de Lima* – Giuliana Cavallini
- *Teresa de Ávila: mística e andarilha de Deus* – Bernard Sesé
- *Teresa de Calcutá: uma mística entre o Oriente e o Ocidente* – Gloria Germani

Gaetano Passarelli

NHÁ CHICA
PERFUME DE ROSA

Vida de Francisca de Paula de Jesus



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Passarelli, Gaetano

Nhã Chica perfume de rosa : vida de Francisca de Paula de Jesus /
Gaetano Passarelli ; tradução Cacilda Rainho Ferrante. – São Paulo
: Paulinas, 2013. – (Coleção luz do mundo)

Título original: Nhã Chica profumo di rose.

Bibliografia

ISBN 978-85-356-3497-6

1. Jesus, Francisca de Paula de, 1808-1895 2. Santas cristãs
- Biografia I. Título. II. Série.

13-03666

CDD-282.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Santas : Igreja Católica : Biografia e obra 282.092

Título original da obra: *Nhã Chica profumo di rose.*
Vita de Francisca de Paula de Jesus 1808 - 1895

© Gaetano Passarelli

1ª edição – 2013

9ª reimpressão – 2020

Direção-geral: *Bernadete Boff*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*

Tradução: *Cacilda Rainho Ferrante*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Assistente de arte: *Ana Karina Rodrigues Caetano*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Manuel Rebelato Miramontes*

nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2013

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
I – Perfume de rosa	29
II – As três rosas.....	39
III – A rosa	45
IV – A mãe dos pobres	67
V – A igreja.....	85
VI – O sumiço e os tijolos.....	93
VII – Decoração da igreja.....	101
VIII – O vereador Pedreira	111
IX – O órgão	121
X – A filha do sacristão e a levitação	139
XI – O nascimento da menina e o testamento.....	145
XII – Morte de Felix e encontro com Monat	157
XIII – Ainda Monat.....	165
XIV – A coroa de flores de porcelana e o perfume de rosas	175
CRONOLOGIA	187
BIBLIOGRAFIA	191

AGRADECIMENTOS

Permito-me agradecer a Frei Paolo Lombardo, por ter-me feito conhecer a figura de Nhá Chica e me estimulado a escrever esta biografia; a Dom Diamantino Prata de Carvalho, por ter acreditado em meu esforço para me ocupar de Nhá Chica; ao doutor Ronaldo Frigini, pelos vários esclarecimentos jurídicos; à senhora Maria do Carmo Nicoliello Pinho, por ter sempre me atualizado, fornecendo as várias publicações, e por ter sempre demonstrado, juntamente com sua família, uma grande estima e amizade por mim; à direção da Biblioteca Pública Estadual Luiz Bessa, de Belo Horizonte; ao responsável, na época, pelo Consulado Italiano de Belo Horizonte, doutor Salvatore Nocera e a sua mulher Helena, pela disponibilidade e amizade demonstradas; à doutora Helena Chabounevitch, por sua disponibilidade e paciência em fotografar os livros úteis para esta pesquisa; à doutora Rossana Nicoliello Pinho, com quem tenho um grande débito de reconhecimento, por ter facilitado de todas as formas as minhas pesquisas e minha estada em Belo Horizonte, Baependi e São João del-Rei; à professora Stefania Colafranceschi, pela revisão do texto em italiano; à Irmã Célia Cadorin, pelo grande trabalho de descoberta e de estudo desta figura; finalmente, ao atual postulador, doutor Paolo Vilotta, por ter me solicitado, defendido e facilitado este trabalho.

APRESENTAÇÃO

Quem sobe a escadaria da igreja da Conceição, em Baependi, MG, depara-se com a estátua de uma anciã. Ao pé da imagem, o artista esculpiu algumas rosas. O que o levou a tal gesto? Certamente pelo fato de a rosa simbolizar o amor. E aquela que foi esculpida na pedra é alguém que soube viver o amor a Deus e ao próximo.

Francisca Paula de Jesus, conhecida por Nhá Chica, viveu no século XIX (1808-1895). Era mestiça, filha de escrava, e analfabeta. Desde cedo, a mãe a ensinou a temer a Deus e a respeitar o próximo. Orientada a viver como celibatária, dedicou-se à oração, ao trabalho e às obras de misericórdia.

É famosa sua devoção à Paixão do Senhor. Toda sexta-feira recolhia-se em sua casinha, para meditar sobre o amor de Jesus por nós. O zelo pela casa de Deus, em especial seu carinho pela Eucaristia, sensibilizou-a a contribuir para a douração da capela do Santíssimo da Igreja Matriz de Baependi, dedicada a Nossa Senhora de Montserrat. Peculiar é sua filial devoção a Nossa Senhora, a quem chamava de Sinhá. Gostava de rezar a Salve-Rainha e invocava Maria com ternura, implorando: “Esta é a ocasião; valei-me, Senhora da Conceição!”.

Nhá Chica atendia a todos sem distinção: letrados e analfabetos, ricos e pobres. A estes ajudava como podia, sobretudo orientando-os e rezando por eles. Considerada a Mãe dos Pobres, repartia com eles o que possuía. Pessoas

importantes a procuravam. Sabia dialogar, mostrando-se sábia e serena.

Seu processo de beatificação iniciou-se em 1993. Complementou-se em 1998. A sua causa foi assumida pela Congregação das Causas dos Santos, em 2000. O Papa Bento XVI, em janeiro de 2011, reconheceu a prática das virtudes cristãs, vivenciadas pela Venerável Nhá Chica. A Comissão Médica deu parecer favorável à cura de um mal congênito no miocárdio, em novembro de 2011. O mesmo Papa assinou o decreto que reconhece o milagre, no dia 28 de junho de 2012. No domingo seguinte, 3 de julho, numa celebração eucarística, por mim presidida, uma multidão agradecia a Deus esse dom.

Em 15 de outubro, a Secretaria de Estado do Vaticano me comunicava que o Santo Padre aprovara a data para a beatificação, maio de 2013. E nomeava seu representante o Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos.

Toda a Diocese da Campanha e os devotos e romeiros da Venerável Nhá Chica alegram-se com a proximidade da sua beatificação. Importa, porém, que ela se torne modelo de vida santa para nós que a amamos. As rosas aos pés da estátua, na escadaria da igreja da Conceição, devem nos lembrar que, acima de tudo, temos que viver o amor a Deus e ao próximo! Esse é o caminho para sermos santos.

Agradeço ao professor Gaetano Passarelli, a bela narrativa sobre a nossa Venerável. A ele e a todos os devotos de Nhá Chica, votos de bênção e de paz.

† *FR. DIAMANTINO P. DE CARVALHO, OFM*
Bispo da Diocese da Campanha

INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi falar de Nhá Chica foi em fins dos anos 1990 e, depois, porque inesperadamente tive a sorte de ir a Baependi, em 2002. Acompanhei Frei Paolo Lombardo, na época o postulador da Causa de Canonização.

Foi assim que pude visitar a pequena casa, a igreja e o orfanato, onde dormi uma noite. Lembro-me com muita ternura das meninas, sob a direção da irmã, irem à igreja recitar o “Salve-Regina” ao redor do túmulo de Nhá Chica e, depois, as mais novinhas, curiosas, vieram acariciar minha barba branca.

Naquela ocasião, embora com certa desconfiança, tinham me pedido para escrever uma biografia. A figura me interessava, me era simpática, portanto, aceitei de bom grado, apesar de não ter conseguido entrar naquela sintonia que liga solidamente o personagem a seu biógrafo.

Quando parti, deram-me de presente um chaveiro com a imagem de Nhá Chica, o qual, voltando para a Itália, não pus de lado como tantas outras lembrancinhas, mas o usei para as chaves de minha casa. Assim, aquela imagem me acompanhou todos os dias destes últimos anos... Mas não fiz nada para cumprir o prometido. Toda vez que tentava ler os documentos e depois as biografias – a biografia do Palazzolo, que ficou estacionada todos esses anos no meu criado-mudo –, o resultado era sempre o mesmo: havia algo mais urgente para terminar, para escrever, para entregar.

Não serviram para nada os repetidos convites para participar dos encontros organizados em 2004 e 2006, para voltar a Baependi e revitalizar o entusiasmo... Parecia, em resumo, que eu tivesse posto uma pedra sobre aquela promessa, mesmo que no fundo da alma eu sentisse que não era assim. De fato, continuava a existir uma ligação sutil, quase imperceptível, de curiosidade com relação a essa figura que eu sempre trazia no bolso.

Li com muito prazer o que Paulo Coelho escreveu e tinha imaginado a cena de como, depois de tantos anos, ele tinha voltado para cumprir sua promessa, levando à casa de Nhá Chica as três rosas: duas vermelhas e uma branca.* Na minha modéstia, eu até tinha almejado voltar um dia a Baependi para colocar a biografia sobre o túmulo, demonstrando-lhe que era um homem de palavra.

Nesses anos até conheci dois estudantes brasileiros que, pensando contar-me uma novidade, começaram um dia a me falar de Nhá Chica com entusiasmo. Escutei-os com interesse para não decepcioná-los quanto às suas expectativas, mas, no fim, foi mais forte do que eu: ao nos despedirmos, tirei do bolso o chaveiro e lhes mostrei.

Pode-se imaginar como ficaram embaraçados: “Mas, como? Conhecia Nhá Chica e não nos disse nada?”. Aliviei-os, dizendo que tinha gostado muito de ouvi-los falar dela com tanto entusiasmo, pois isso tinha servido de lembrete por não ter cumprido minha promessa.

Passou-se o tempo e, inexoravelmente, a idade chegou, e com ela a consciência de que tudo que acontece ou deixa

* Ver Capítulo II, As três rosas, na pág. 39 deste livro. (N.E.)

de acontecer não é simplesmente fruto do acaso, mas de um plano muito complexo que nós seres humanos ainda não conseguimos entender.

Digamos, então, que o acaso quis que eu voltasse ao Brasil para apresentar a segunda edição da biografia de Irmã Dulce, de Salvador, na Bahia, e tivesse a oportunidade de ir a Baependi. Mas, desta vez, eu sentia um desejo indistinto: não sei se de rever aqueles lugares depois de tantos anos, para conseguir um pouco de energia e escrever finalmente aquela biografia, ou se de entender se Nhá Chica queria, de verdade, que eu escrevesse sobre ela.

E, num dia, em anonimato total, cheguei a Baependi cercado somente do afeto e da cortês hospitalidade de uma família amiga.

Foi assim que voltei à pequena moradia de Nhá Chica, revi a igreja, venerei as suas relíquias, observei o movimento dos devotos e peregrinos que me deixa tão curioso, quando estou em locais de veneração, até mesmo aqueles não cristãos.

Era uma tarde ensolarada e havia pouco movimento, de forma que pude me demorar naqueles pontos que me interessava observar sem ser incomodado.

Um pensamento sempre voltava a minha cabeça toda vez que o olhar se demorava numa pessoa ou num gesto de devoção: como era grande a fama de santidade daquela pobre mulher, já morta há mais de cem anos; era tal, que atraía homens e mulheres, jovens e velhos de origem social e cultura diferente, e, no entanto, poucos conheciam a sua vida. O que era essa fama de santidade? Uma repetição de

gestos que homens e mulheres reiteravam por emulação? Uma busca de proteção contra o medo? Ou simplesmente a chamada de uma energia espiritual amadurecida no caminho de aceitação do salvador Jesus Cristo?

E não conseguiria terminar de descrever as figuras, objeto de minha discreta observação, a distância: a moça com flores, que talvez desejasse passar em algum exame ou tinha um problema sentimental; o homem maduro, ajoelhado perto do sepulcro, com o rosto entre as mãos, que tinha vindo pedir a intervenção para alguma pessoa da família ou para si mesmo, sentindo-se em crise existencial; a família de turistas que, na superficialidade de sua visita, tinha sentido a necessidade de acender velas e depois comprar alguma lembrancinha na sala em que as freiras estavam ocupadas escrevendo as encomendas de missas e satisfazendo os pedidos dos devotos...

Isso para mim é um milagre “perene”.

Fui para a casinha. Naquele momento não havia ninguém e decidi me entocar num cantinho para observar, sem distrações, aqueles ambientes que por tantos anos foram a morada de Nhá Chica. E ali, fechando os olhos, senti uma grande energia que provinha daquelas paredes cheias de fotografias e ex-votos, em que dominam sua grande coroa do Rosário e a estatueta de Nossa Senhora da Conceição, da qual tinha sido tão devota.

Enquanto estava ali, senti-me quase invisível ao ver entrar um homem e uma mulher abraçados. Tinham dado uma olhada ao redor – não me tinham concedido sequer um olhar! –, como se estivessem mais preocupados em trocar

efusões que em prestar atenção naquele lugar que “sentia” tão sagrado. Depois saíram e dirigiram-se à igreja.

Uma cena como tantas outras, eu poderia ter-me dito, mas o que tinha me chamado a atenção? O entendimento que transparecia nos dois. Ela era uma mulher morena, alta, com os cabelos compridos, soltos sobre os ombros, muito bela, naquela idade em que a flor da feminilidade se encontra no máximo de seu perfume. Tinha um jeito de andar altivo, nobre, como uma rainha, orgulhosa por caminhar ao lado de seu rei. Ele, com mais idade, estava visivelmente muito apaixonado, orgulhoso por ter ao lado tanta beleza, a ponto de não ter olhos nem prestar atenção a não ser nela. Aquela imagem me tinha trazido à mente dois peixes com barbatanas muito compridas e sinuosas que alguns anos atrás eu tinha no aquário de casa: passavam o dia todo a trocar carinhos.

Fiquei novamente sozinho na casa e fechei os olhos para me concentrar. Depois de um bom tempo, estava para ir embora quando, da porta que dá para o orfanato e a igreja, retornaram os dois. Sempre abraçados. Entraram e, mais uma vez, não fui digno de um olhar, como se nem percebessem a minha presença.

Daquela vez me senti demais, mas a curiosidade era tanta que voltei lentamente para o meu cantinho no escuro. Não escondo que me sentia um tanto embaraçado, como se estivesse violando a intimidade deles, mas não me senti culpado.

Os dois se aproximaram da grade da porta que dá para a salinha lateral e ficaram ali abraçados, com as cabeças bem juntas. A certa altura, a mulher pôs na grade uma imagenzinha de Nhá Chica, certamente comprada havia pouco: dava para

ver que seus pensamentos estavam concentrados em pedir alguma coisa, enquanto seus corpos quase queriam se fundir. Desejava muito ouvir seus corações batendo e entender seus pedidos, mas era realmente querer demais!

O tempo passou devagar. Ninguém, felizmente, perturbou aquele momento tão intenso dos dois. Repentinamente a mulher pegou a imagenzinha, beijou-a e deu-a ao homem que, olhando-a visivelmente comovido, deu-lhe um beijo no rosto. Ela, no entanto, não teve nenhum escrúpulo em lhe estalar um beijo sonoro na boca, o que serviu talvez para interromper a solenidade daquele momento e trazê-los de volta à terra. E, assim, impregnados de certa alegria, saíram para a rua.

Eu também saí para voltar para casa; poderia fazê-lo mais tarde, mas não resisti à tentação de continuar a observá-los. Afastaram-se de mãos dadas e os vi desaparecerem numa ruazinha lateral.

Perguntei-me por que tinha tanto interesse e me dei uma justificção. Ao vê-los entrar na casinha da primeira vez, havia tido a impresso de que fossem dois turistas que por curiosidade tinham-se enfiado naquele lugar, quase me deixando meio aborrecido. Ao voltarem, porém, observando seus gestos e concentraçao, percebi que não estavam ali por acaso, tinham certamente vindo para pedir alguma coisa e, não obstante as aparências, deveriam ser pessoas de grande importância. Tinham rezado? Tinham se concentrado em suas preocupações? Não importa. Vê-los unidos daquela forma me deu a impresso de que se tratasse de um pedido que um fazia pelo outro, para obter algo muito importante.

Impressão... Sensação? Somente Nhá Chica, que estava ali escutando a pulsação de seus corações, sabia a verdade.

E me lembrei de que ninguém se casava ou tomava alguma decisão sem primeiro ter ouvido a opinião de Nhá Chica...

Essas são as imagens que trago comigo da última visita-peregrinação a Baependi.

Saindo da casinha de Nhá Chica repleto de grandes emoções, fui de novo assaltado por dúvidas quanto a Nhá Chica querer realmente que eu escrevesse a sua biografia, considerando o que já foi escrito sobre ela. Tinha visto as várias biografias expostas à venda na sala onde era possível adquiri-las e, descendo em direção à praça da matriz, pensava seriamente em abandonar isso definitivamente, quando ouvi uma melodia familiar em meu ouvido: a música de Stelvio Cipriani para a coluna sonora do filme *Anônimo veneziano*. Parei maravilhado, tentando localizar de onde vinha. Não consegui saber de jeito nenhum. A música continuava alta, mas tive que concluir que só eu a escutava porque, encontrando uma pessoa amiga, compreendi que ela não a ouvia.

Passaram-se alguns dias. Fiz umas pesquisas sobre tudo que dizia respeito à Nhá Chica e seu período histórico na Biblioteca Nacional de Belo Horizonte, mas estava pouco convencido, porque achava que não havia nada de novo para se falar sobre essa bela figura.

Um dia cedo, antes do nascer do sol, quando dormia tranquilamente, tive a sensação de haver uma luz muito forte apontando para meu rosto. Abri os olhos com dificuldade e vi um globo de luz branquíssima que, saindo pela janela,

se dispersou na escuridão. A janela era envidraçada e as persianas estavam fechadas! A ligação do fenômeno com Nhá Chica foi imediata porque me lembrei perfeitamente que estivera sonhando com ela. Interpretei isso como uma ulterior resposta positiva que ela me estava dando para que pusesse mãos à obra em sua biografia.

Todavia, voltando para a Itália, esperava-me um período de prova de fogo muito difícil e mal consegui delinear um esboço e escrever algumas páginas.

Os compromissos assumidos anteriormente me obrigaram a escrever um ensaio de iconografia bizantina (não seria melhor dizer: outro trabalho programado?), depois, em vez de dedicar-me à sua biografia, me senti inspirado a escrever a do Padre Francisco Victor, de Três Pontas, outra promessa feita também naquele longínquo 2002.

O que me levava a ficar longe de escrever sobre Nhá Chica, não obstante as presumidas garantias recebidas? Um temor indefinido... um grande medo que até hoje não consigo explicar, e foi tal que, quando o novo postulador, doutor Paolo Vilotta, me comunicou que estava em Baependi, eu lhe pedi: “Por favor, vá ao túmulo de Nhá Chica e pergunte-lhe se quer mesmo que eu escreva a biografia, mas faça com que ela dê um sinal”.

Depois de alguns dias, ele me respondeu: “Espera que você a escreva, me deu um sinal muito claro. De fato, enquanto eu falava da perspectiva da beatificação de Nhá Chica, Dom Diamantino Prata Carvalho me disse: ‘Até lá teremos também a biografia do professor Passarelli’”.

Desde meu encontro com Sua Excelência Dom Diamantino, bispo da Campanha, em 2002, não se tinha mais falado da minha biografia.

De tudo que contei, não sei se foram somente autos-sugestões ou coincidências fortuitas somadas a uma fantasia desenfreada. A essa altura, porém, não obstante os muitos compromissos editoriais que me aguardavam naquele ano, decidi escrever esta biografia e pus mãos à obra de imediato.

O resultado? Espero que não seja apenas uma tempestade num copo d'água e que Nhá Chica me perdoe.

Considere-o ao menos como um ato de amor.

O Autor



Notas bibliográficas

O modo como encetamos a biografia de Francisca de Paula de Jesus, chamada de Nhá Chica, poderia dar a impressão de tê-la romanceado e de, às vezes, ao encenar alguns episódios, nos termos deixado levar pela fantasia. Se isso devesse provocar escrúpulos, garantimos desde já que, como se faz para a reconstrução de época, nos baseamos em documentação original e, somente para tornar a leitura mais

ágil, preferimos não sobrecarregar o texto com referência a documentos e notas bibliográficas; entretanto, a biografia inteira se baseou em documentos publicados e inéditos, em estudos e ensaios que citaremos pontualmente, fazendo também todas as considerações críticas que poderiam não ser de muito interesse para o leitor comum.

Na transcrição dos documentos foi respeitada a grafia original.

O nome

“Nhá Chica ou tia Chica é uma celebridade em todo o sul de Minas” (Monat, 92, entrevista, 13). É com estas palavras que se inicia o capítulo que o doutor Henrique Monat lhe dedicou no livro *Caxambu*. Nhá Chica já tinha recebido há anos o nome com o qual as pessoas a indicavam. Trata-se de um hipocorístico que abrevia o nome Francisca, precedido de um termo de respeito nhá/tia.

“Francisca de Paula de Jesus ou Francisca Izabel, ‘meu segundo nome’, disse-me ela, “porque minha mãe se chamava Izabel”, esta é a identidade que Nhá Chica fornece ao doutor Monat (Monat, 94, entrevista, 17) e que resulta de atos oficiais como o testamento do irmão Teotônio Pereira do Amaral, seu testamento e a certidão de óbito da paróquia (ver mais adiante as anotações ao capítulo 4, 11, 14), enquanto a certidão de óbito do ofício civil a chama de Francisca Izabel (ver anotações ao capítulo 14). O único documento em que é chamada somente de Francisca é na certidão de batismo, mas sabemos que não se referia a São Francisco de Assis, mas a São Francisco de Paula (1416-1507), um santo taumaturgo

nascido em Paola, na Calábria, fundador da Ordem dos Mínimos, muito venerado na América do Sul, em particular em Minas Gerais.

Em alguns documentos públicos, devido à grande estima, era chamada de dona Francisca; veja-se, por exemplo, como foi redigido pelo pároco de Baependi, o Padre Marcos Pereira Gomes Nogueira.

Análise e uso das fontes e da bibliografia

A documentação que nos chega sobre a figura de Nhá Chica é realmente escassa e não podia ser diferente, já que se tratava de uma mulher analfabeta e, além disso, de origem escrava, que viveu num ambiente atrasado.

Quando, em 1950, o Frei Jacinto da Palazzolo decidiu chamar as freiras (Irmãs Franciscanas do Senhor) para administrarem o orfanato, ele o fez porque encontrou em Baependi uma realidade de devoção à Nhá Chica tão arraigada, que permitia a sustentação da Obra. Ele, porém, sentiu necessidade de indagar quem fosse essa pessoa, tão conhecida e venerada por todos. Procurou fontes que pudessem validar a tradição oral e, muito claramente, escreveu: “Pesquisei, perguntei, li tudo o que se tinha escrito”, mas teve que se dar por vencido e declarar: “Depois de todas as pesquisas possíveis, estamos convencidos de que a Providência, em seus elevados e inescrutáveis propósitos, permitiu que Nhá Chica fosse transformada numa pérola oculta. Da vida de Nhá Chica pouco sabemos, muito pouco do muito que deveríamos saber. Conhecemos apenas o relato das maravilhas feitas em benefício do próximo, suficiente para justificar o culto

privado que prestamos às suas virtudes e a seus exemplos de alma privilegiada que embelezou com dons especiais.

“Depois de 63 anos de sua santa morte, Nhá Chica vive na lembrança e no coração das pessoas, que recorre a ela em suas aflições” (*A pérola escondida. Nhá Chica*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1973, prefácio da 1. ed., p. 13, ver Positio, BD, 128-129).

De fato, os que tinham conhecido e convivido com Nhá Chica foram, além do mais, gente simples, analfabeta que, salvo raríssimas exceções, confiou à memória a lembrança de sua figura, que conseguiu com seu espírito de prece e de caridade manter viva ou reavivar sua fé através de sinais concretos. Formou-se, então, uma tradição transmitida oralmente, em parte recolhida em três biografias (Ferreira Pena, Frei Palazzolo, Monsenhor Lefort) e no ensaio de J. A. Pelúcio, *Templos e crentes*, São Paulo, Gráfica Paulista de João Bentivegna, 1942. Portanto, uma vida essencialmente construída sobre promessas, segundo a terminologia hagiográfica franciscana (ver Notas informativas sobre biógrafos da serva de Deus e sobre suas obras, Positio, CS, 27, 30 e em várias publicações, Positio, BD, 124-153).

Uma mudança decisiva ocorreu com as investigações diocesanas nas quais, de um lado, se recolheram através de testemunhos todas as lembranças passadas de pai a filho e, de outro, através do admirável trabalho da Comissão Histórica, foram pesquisados todos os documentos úteis, de forma que, com a elaboração da Positio para a Causa da Beatificação (Campanien in Brasília, Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Franciscae de Paula de Jesus dictae “Nhá Chica” laicae [1810-1895], *Positio super vita, virtutibus et fama*

sanctitatis. Romae, 2000, P.N. 1839), foi dado um notável passo adiante em termos de qualidade do ponto de vista histórico e crítico. E com base nisso foi publicada a Biografia 2001 (Irmã C. Cadorin; M. J. Turri Nicolliello; M. C. Nicolliello Pinho. *Nhá Chica. A pérola de Baependi, Francisca de Paula de Jesus* [1810-1895]. Baependi, 2001).

Este é o motivo pelo qual a nossa biografia se baseia essencialmente na Positio e na Biografia 2001.

Os dois encontros de estudos havidos em 2004 e 2006, promovidos pela Associação Beneficente Nhá Chica, publicados depois nos Anais, contribuíram para especificar alguns aspectos e tiveram como propósito estimular um debate sobre algumas hipóteses novas, mais tarde retomadas em alguns artigos (J. Nicolliello Viotti; M. C. Nicolliello Pinho; M. J. Turri Nicolliello (a.c.). *Anais. 1º Encontro de Estudos sobre Nhá Chica. Mulher de Deus e do povo no contexto da história, 21 e 22 de maio de 2004, Baependi, MG*. Baependi: Associação Beneficente Nhá Chica, 2005; J. Nicolliello Viotti; M. C. Nicolliello Pinho (a.c.) *Anais. 2º Encontro de Estudos sobre Nhá Chica. Mulher de Deus e do povo no contexto da história*: Baependi, Associação Beneficente Nhá Chica, 2007).

Portanto, é preciso fazer uma distinção básica para poder compreender a fundo o método utilizado nesta nossa reconstrução histórica.

A respeito da vida de Nhá Chica, chegaram-nos substancialmente apenas seis documentos diretos: a) a certidão de batismo (1810), b) o testamento do irmão Teotônio (1861), c) a licença para a construção da capela (1865), d) o

seu testamento (1888), e) o texto do doutor Monat (1894), f) a certidão de óbito (1895). Como se pode notar, entre o primeiro e o segundo documento, passaram-se 49 anos! Para preencher em parte esse longo período, é de ajuda a documentação chamada de indireta, isto é, aquela que diz respeito à carreira e à vida do irmão Teotônio Pereira do Amaral (1804-1861). Dela se podem extrair algumas datas e, ainda mais, provar a escolha de vida feita desde menina: viver na pobreza radical, numa espécie de vida monástica na própria casa.

Depois, há certo número de “maravilhas” feitas por Nhá Chica que foram mais ou menos transmitidas oralmente pelas pessoas. Algumas podem ser situadas numa época precisa, com datas, mas a maior parte perdeu a conotação histórica, permanecendo como um relato edificante, como promessa.

Nosso trabalho consistiu em analisar essa complexa documentação para pesquisar eventuais ligações de referência, para reconstruir um perfil o mais possível correspondente à realidade. Em alguns casos, foi feita uma verdadeira e própria análise filológica para procurar colher os aspectos particulares subentendidos. Damos um exemplo que serve para todos os casos.

Confrontando e analisando a terminologia usada na certidão de batismo de Izabel, mãe de Nhá Chica, com aquela de Nhá Chica, foi possível chegar a hipóteses bastante verossímeis.

Aos treze de outubro de mil setecentos e oitenta e dois, na Capella do Cajuru, filial desta Matriz, o Reverendo Capellão Gonçalo

Ribeiro Britto batizou e poz os santos oleos a Izabel filha de Rosa Banguela, solteira, escrava de Costodeo Ferreira Braga. Forão padrinho Quintino e Faustina pardos, solteiros, escravos de Dona Quitéria Correa de Almeida todos desta freguesia. Coadj. Joaquim Pinto da Silveira (Positio, BD, 69-70).

Francisca, aos vinte e seis de abril de mil e oito centos e dez na Capella de Santo Antonio do Rio das Mortes Pequeno, Fillia desta Matris de São João del Rey, de licença o Reverendo Joaquim Jozé Alves baptizou e pos os Sanctos oleos a Francisca filha natural de Izabel Maria, e forão Padrinhos Angelo Alves e Francisca Maria Rodrigues todos daquella applicação. O Coadjutor Manoel Antonio de Castro (Positio, BD, 68-69).

Pode-se notar que, além de todos os elementos cronológicos e onomásticos, dos quais nos ocuparemos no momento certo, Izabel é filha, mas o termo deve ser integrado com o adjetivo natural, de Rosa Banguela, já que esta é solteira e, importante, é definida como escrava de Costodeo Ferreira Braga. Portanto, Izabel nasceu de uma escrava e era também escrava, porque se estava muito longe daquele dia 28 de setembro de 1871, quando foi promulgada a Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco, na qual se decretou que ninguém mais nasceria no estado de escravidão. Além disso, se constata que são padrinhos de Izabel dois pardos, solteiros, escravos de dona Quitéria, isto é, os participantes desse batismo são todos escravos pertencentes a um dono bem determinado.

Na certidão de batismo de Nhá Chica, todavia, especifica-se que Francisca é filha natural de Izabel Maria, mas não vem especificado que Izabel seja escrava, nem é indicado o nome do eventual proprietário. Os dois padrinhos são um branco Ângelo Alves e uma mulata livre Francisca Maria Rodrigues. Então, a menos que o redator da certidão,

o Padre Manoel Antônio de Castro, não tenha sido apressado e esquecido de usar os termos certos, se deduz que Izabel, quando trouxe ao mundo Nhá Chica, não era mais escrava, e que a menina, sendo filha de uma liberta, não tinha nascido no estado de escravidão. Como veremos mais adiante, Izabel provavelmente tinha sido alforriada quando trouxe ao mundo Teotônio Pereira do Amaral. Aprofundaremos essa questão no momento certo.

Desse exemplo, é possível deduzir em que base foi feita a leitura da documentação e dos testemunhos, extraindo aquelas informações que permitiram uma reconstrução em alguns casos um pouco diversa dos acontecimentos; todavia, como em qualquer trabalho científico, são mencionadas todas as hipóteses e eventuais posições interpretativas anteriores.

Note-se que na transcrição dos documentos foi respeitada a escrita original.

História da causa

A persistente fama de santidade da qual gozou ininterruptamente desde sua morte (1895), fez com que Dom Aloísio Roque Oppermann, bispo da Campanha (1991-1996), de 10 de outubro de 1993 a 31 de maio de 1995, conduzisse o inquérito diocesano na Cúria Diocesana “sobre a vida, as virtudes e a fama de santidade” de Francisca de Paula de Jesus, chamada de Nhá Chica.

Naquela ocasião foram interrogadas 12 testemunhas, das quais 7 laicas, 4 laicos e uma religiosa, cujas idades variavam dos 54 aos 123 anos, de uma única testemunha que a tinha conhecido (*de visu*). Seu depoimento, porém, embora

a mulher tenha se encontrado com Nhá Chica uma só vez, visitando-a em sua casa para pedir conselhos depois de ter enfrentado uma viagem a pé, demonstra que tinha sido atraída por sua fama de santidade e por seus poderes carismáticos.

Em 1998, Dom Diamantino Prata de Carvalho, sucedendo Dom Oppermann como bispo da Campanha, que foi nomeado arcebispo de Uberaba desde fevereiro de 1996, convidou o Frei Paolo Lombardo para acompanhar a Causa na qualidade de postulador. Ele logo chamou a atenção do Ordinário de que seria oportuno conduzir um segundo inquérito, que efetivamente foi feito de 18 de junho a 15 de agosto de 1998. Na ocasião foram interrogadas outras 16 testemunhas: 5 leigos, 5 leigos, 3 monsenhores, 2 religiosas e 1 sacerdote diocesano; naturalmente, todos testemunharam a respeito do que tinham ouvido de pessoas que haviam conhecido Nhá Chica (*de auditu a videntibus*). Foi também instituída uma Comissão Histórica, sob a presidência de Maria José Turri Nicoliello Vilela e a secretária de Maria do Carmo Nicoliello Pinho, que conduziu uma investigação muito acurada sobre o ambiente em que viveu Nhá Chica.

Dos dois inquéritos diocesanos foi possível extrair a documentação e os testemunhos suficientes para elaborar a Positio, isto é, a instrução para submeter aos consultores históricos e teólogos da Congregação dos Santos, continuando a tramitação da Causa de Beatificação. Este documento, como já se mencionou anteriormente, tornou-se uma fonte preciosa de informações sobre a vida e as virtudes de Nhá Chica.

I

PERFUME DE ROSA

Começaram a escavar cedo naquela manhã, nos fundos da igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde ficava a sepultura de Nhá Chica.

Estavam presentes os membros do Tribunal Diocesano da Campanha, dois peritos legais, o postulador, a vice-postuladora e a madre superiora da Casa. Aguardava-se o bispo, Dom Diamantino Prata de Carvalho, que demorava a chegar.

Do lado de fora, havia se reunido um grupo de fiéis que rezavam o rosário.

O Padre Paulo, ansioso, disse, a certa altura: “Se o promotor de Justiça estiver de acordo, o juiz delegado pode dar início aos trabalhos”.

Houve uma rápida consulta entre os membros do Tribunal e, em seguida, o chefe dos trabalhos, o engenheiro Ubirajara Rocha Castro, recebendo ordens para prosseguir, disse aos trabalhadores: “Com muito cuidado, por favor! Vamos começar a retirar a lápide de mármore”. E, para evitar que esta se quebrasse, ele demarcou o perímetro da escavação.

Os golpes do martelo, para cortar a primeira fileira de ladrilhos, a fim de destacar a lápide, começaram a ressoar na igreja, enquanto os presentes observavam em silêncio e um pouco apreensivos.

Erguida a lápide de mármore inteira, apareceu um buraco bem delimitado por paredes de tijolos vermelhos. Tinha cerca de um metro de profundidade, todavia, para grande surpresa dos presentes, só havia terra, e do caixão não se tinha nem sinal!

Alguém se virou para o altar, para ver se havia rosas, e, depois, voltou-se para os outros, a fim de verificar se era somente ele que estava sentindo aquilo. Logo, quase inconscientemente, houve uma troca de olhares, como uma verificação silenciosa se o que um estava sentindo era compartilhado por outros, como se se envergonhassem de exprimir a própria sensação.

A tensão que dominava a igreja foi, de repente, rompida por um “Bom-dia... bom-dia a todos”, dito pelo bispo, Dom Diamantino, que chegava. “Infelizmente estou atrasado... Ah! Irmã Célia, tomou banho de perfume esta manhã?”, continuou brincalhão, passando ao lado da vice-postuladora.

“Gosto de perfume, mas nunca ponho”, ela respondeu com firmeza.

O bispo olhou-a: “Ah, é? E de onde vem este perfume de rosas?”

“De lá!”, indicou-lhe.

Incrédulo, Dom Diamantino virou-se para a madre superiora da Casa: “Irmã Miriam, quantos litros de perfume derramou na igreja? Desta vez exagerou!”.

“Excelência, não pus nenhum perfume... vem dali”, indicando o buraco.

Um coro espontâneo de todos os presentes garantiu ao bispo que, desde o instante em que se tinha começado a escavar, o perfume havia se tornado cada vez mais forte.

O chefe dos trabalhos recomendou que escavassem com cuidado e prosseguiu na remoção da terra com precaução. Porém, depois de um metro, nada! Depois de dois metros, nada ainda... Começaram a ficar preocupados.

“Será que não erramos o lugar?”, perguntou alguém, mas o perfume persistia cada vez mais forte e parecia alimentar a esperança de que aquele fosse o lugar certo.

Chegou-se a três metros quando se sentiu algo duro.

“Cuidado!”, gritou o Postulador ainda mais ansioso: “chega de picaretas; agora devem usar as colheres de pedreiro!”. E, usando as colheres de pedreiro e uma escova grossa, surgiram, aos poucos, as placas de pedra cinza, alinhadas uma a uma. O engenheiro Ubirajara, dando-se um tapinha na testa, disse: “Eu deveria saber disso: o túmulo fica debaixo do pavimento da igrejinha construída por Nhá Chica, a primeira igrejinha! Quando o pavimento foi reconstruído, ele foi elevado, por isso ficou tão fundo”.

Enquanto isso o pároco, Pe. Geraldo Junqueira, estava enchendo os bolsos com aquela terra...

“Tire tudo isso, rápido... tudo!”, gritou-lhe o Padre Paolo e, voltando-se para nós: “Não podem pegar essa terra e nem dizer nada... a ninguém, entenderam? Se eu vir gente aqui, vou suspender imediatamente os trabalhos! Cerquem tudo até a metade da igreja. Ninguém deve se aproximar”.

Retiradas as placas, apareceu, escavado na terra, o contorno do caixão.

“O perfume vem dos pés...”, disse o chefe dos trabalhos que estava em cima.

“Não, não”, responderam em coro os dois trabalhadores que estavam ao lado do caixão, “é muito forte na cabeça... aqui é a parte da cabeça!”, e indicavam o local com gestos.

“Parados!”, advertiu o Postulador, “não toquem em nada!”. E peremptoriamente ordenou: “Subam para cá de novo!”.

O Postulador estremeceu e desceu até o buraco. Constatou que o caixão estava quase totalmente destruído: só havia alguns pedaços de madeira esmigalhados... viu alguns farrapos de galão da decoração do caixão e, dentro, os fragmentos de ossos.

Olhou para cima, viu todos aqueles rostos encarando-o e disse, brincando: “Uma cena digna das visões proféticas de Tiepolo ou de Andrea del Pozzo!”. Mas, percebendo nas expressões que estavam todos impacientes e não iriam dar-lhe um sorriso, continuou: “É impossível levar o caixão para cima; mandem descer o cesto que eu tinha preparado”.

Começou a recolher com muito cuidado, na cesta forrada de tecido, os fragmentos de ossos, iniciando com a cabeça. Logo notou que, ao redor do crânio, havia pequenos pedaços duros. Pegou um deles e, limpando-o da terra, entendeu que se tratava de uma florzinha de porcelana. Muito emocionado, gritou para que todos o ouvissem: “Tinham-lhe posto uma coroa de flores brancas de porcelana!”.

Encontrou também a sola de um elegante sapato! Finalmente, depois de 103 anos, foram exumados os restos mortais de Nhá Chica.

Quando Padre Paolo subiu com a cesta, o bispo se aproximou e constatou que o perfume intenso, que havia impregnado a igreja e até as roupas dos presentes, tinha como fonte aqueles poucos restos.

Foi grande a emoção e, junto com aquele perfume de rosas frescas, todos foram dominados por um sentimento de harmonia.

Naquela atmosfera de silêncio e de paz, Dom Diamantino, emocionado, disse: “Isto me faz lembrar o que disse o apóstolo Paulo: ‘Nós estamos diante de Deus, o perfume de Cristo’. Esta mulher é verdadeiramente uma santa!”.



Notas bibliográficas

O episódio com o qual começamos a narração da vida de Nhá Chica tem como fonte o que se lê na Positio (BD, 150-151) e na Biografia 2001 (p. 89). A fim de contextualizar a questão, adiantamos que é de praxe, na instrução de um inquérito diocesano, exumar os restos mortais para identificá-los e levá-los para uma sepultura comum. O conceito antigo

de beatificação, de fato, consistia exatamente na “exaltação”, isto é, na “elevação” do que restava do corpo para venerá-lo como relíquia insigne.

O tribunal reeleito para o segundo inquérito sobre Nhá Chica tinha determinado a exumação no início, portanto, isso foi feito em 18 de junho. É muito interessante ler as duas declarações concedidas pelos presentes para sabermos como se desenvolveu a operação e para termos uma ideia precisa desse fenômeno extraordinário. Vamos transcrever primeiro a declaração do responsável pelos trabalhos.

Ubirajara Rocha de Castro, nascido em Caxambu, MG, em 18 de maio de 1954, residente desde os primeiros dias de vida em Baependi, MG, engenheiro civil. Quero dizer que, na qualidade de engenheiro da Associação Beneficente Nhá Chica, sou o responsável pelos trabalhos na casa e na capela. Em 18/06/1998 foi realizada a exumação para o reconhecimento dos restos mortais de Nhá Chica. Depois de ter retirado o revestimento de mármore, foi tirada a laje de concreto com cerca de 800 quilos. Encontrou-se um espaço vazio com mais ou menos um metro de profundidade. Em seguida, iniciou-se a remoção da terra, um processo lento e cuidadoso para não danificar de nenhum modo os possíveis restos mortais.

Do estado da sepultura foi constatado que a mesma nunca tinha sido violada devido à profundidade em que estava o caixão; notava-se que as paredes laterais na primeira parte eram de tijolos maciços, usados ainda hoje e, conforme se descia em profundidade, eram de “adobe” (tijolos de terra, um antigo processo de trabalho que não é mais usado atualmente).

No local (fossa) onde estava o caixão, no fundo e nas paredes laterais foi provavelmente usada uma argamassa feita de terra que se manteve intacta, permitindo constatar o formato exato do caixão. Tudo isto é apenas o preâmbulo do que desejo declarar, isto é, a grande impressão que tive: no momento em que começamos a retirar o mármore e, sobretudo, a laje, um perfume como de rosas, forte e suave ao mesmo tempo, exalou do lado da cabeça

dos restos mortais. Esse perfume, conforme os trabalhos avançavam, aumentou de tal modo, que impregnou a igreja inteira e foi percebido pelos operários e pessoas presentes, inclusive o bispo diocesano e os membros do Tribunal Eclesiástico.

Além disso, declaro que, permanecendo sozinho durante o horário de almoço dos trabalhadores, o perfume aumentou e senti uma sensação de grande paz, como se estivesse num lugar de muita harmonia, que me deixou tranquilo, feliz e em paz com todo o ambiente. Isto não só me impressionou, mas me emocionou muito e me levou a uma profunda prece, com a qual fui capaz apenas de agradecer.

Uma particularidade que acho ser importante: quando começamos a sentir o perfume, dei-me conta de que vinha do lado onde achava que estavam os pés, quando, na verdade, era a posição da cabeça (Baependi, 18 de junho de 1998 – Ubirajara Rocha de Castro).

Então, escreveu o bispo da Campanha, Dom Diamantino Prata de Carvalho, em 30 de julho de 1998:

Declaro que, em 18 de junho de 1998, entrando na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Nhá Chica, para a exumação dos restos mortais da serva de Deus, notei que a igreja estava impregnada de um perfume forte e suave. Perguntei à irmã Celia B. Cadorin se tinha usado algum perfume. Ela me respondeu: “Gosto muito de perfume, mas esse vem dali”, indicando o túmulo de Nhá Chica. Depois perguntei à irmã Miriam (madre superiora da casa) se ela havia jogado perfume na igreja. Ela me respondeu que não e declarou que vinha do túmulo da serva de Deus.

Eu também me rendi ao fato insólito que já tinha sido notado por todas as pessoas presentes: os componentes do Tribunal, o postulador da Causa, alguns sacerdotes, os fiéis presentes, os trabalhadores e o engenheiro. Lembrei-me da exortação do apóstolo Paulo: “Exalem o doce perfume de Cristo” (2Cor 2,15-16). Esse fato me confirmou a santidade da nossa serva de Deus (Dom Diamantino Prata de Carvalho, bispo diocesano da Campanha).

Em outras ocasiões já se tinha sentido o perfume de rosas. A primeira vez foi quando Nhá Chica morreu e ficou

exposta por quatro dias (falaremos disso no momento certo). Outra foi quando se fez o coro em alvenaria. O pedreiro, senhor Aníbal da Silva, declarou a propósito:

Quando construímos o coro, que era de madeira e estava caindo, fizemos os pilares para cimentar. Eu fiz um buraco perto de seu túmulo e o perfume de rosas era forte. Quando pegávamos um pouco de terra, sentíamos o perfume forte de rosas. Chamei a madre Crescência (falecida) e chegamos à conclusão de que devíamos cercar o local para podermos acabar o serviço porque, se as pessoas tivessem percebido, não teríamos terminado de construir o coro. Cercamos até o meio da igreja. [...] O senhor Gaetano Pelúcio, cumprindo uma promessa, fez o mármore sobre o túmulo do jeito que está até hoje. A igreja foi aumentada lateralmente, sempre dentro do terreno, por isso o túmulo – que antes ficava defronte à porta principal – ficou ao lado (Positio, *Summ.*, 123,124).

Além dessas fontes, servimo-nos do relato do postulador Frei Paolo Lombardo, que esteve presente e participou ativamente da exumação.

Quanto à profundidade da sepultura, segue o que depôs em 1994, isto é, quatro anos antes da exumação, o senhor José de Figueiredo Gouvea:

Acho que Nhá Chica foi sepultada bem fundo. Na época de seu sepultamento o pavimento já era elevado em relação ao chão e ficou ainda mais alto com a reestruturação que transformou a capela em igreja (Positio, *Summ.*, 43).

Dos vários depoimentos, sabemos que as três placas de pedra foram colocadas por Monsenhor Ademar Pinto, quando a capela foi reconstruída pelo Padre Inácio Kusch (falaremos dele em seguida) (Positio, *Summ.*, 77, 97, 119-120).

Com relação à coroa de porcelana, veja-se o inventário compilado pelo Padre Marcos Pereira Gomes Nogueira, dando conta das despesas feitas, em Caxambu, na casa Marques Irmãos, em 15 de junho de 1895 (o dia seguinte à morte), para receber os restos mortais da serva de Deus (inventário, fls. 27 – A. J. C. B., Positio, BD, 111, nota 5). O documento está transcrito nas notas ao capítulo 14: “A coroa de porcelana e o perfume de rosas”.